

O VERSO (IN)AUTÊNTICO: A SUBVERSÃO DO PLÁGIO POR **KENNETH
GOLDSMITH**

Angélica Oliveira Adverse
adverseangelica@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7834837062630931>

RESUMO

Desde o modernismo a arte tem colocado em questão a noção de autoria, cópia, desaparecimento do autor e reprodução. As noções da pós-produção e apropriação contribuíram para o surgimento de novos termos no início do Século XX. O *ready-made* foi responsável por abolir as fronteiras que delimitavam produção e consumo, colocando em xeque o sentido da criação e reprodução. O artigo pretende apresentar como essas questões se apresentam no trabalho *Théorie* (2013) do poeta americano Kenneth Goldsmith. Pretendemos apontar como o poeta utiliza o plágio para elaborar um trabalho intertextual promovendo um contato entre as linguagens da performance, literatura, design, Dandismo e filosofia.

Palavras-chave: Plágio; Subversão; Kenneth Goldsmith

INTRODUÇÃO

Comece a copiar isso que você ama. Copie, copie, copie.
E ao fim do recopiar, você encontrará a você mesmo.
(GOLDSMITH, 2013, S/N)

Na performance *Theory* (2013), Kenneth Goldsmith observa a criação do artista e do poeta na contemporaneidade pela infinita transmissão e recepção da cultura imaterial. A cultura digital transformou os seres e as coisas no imaterial efêmero-eterno. Por esse motivo, na performance, ele poetiza a morte do autor, propondo uma discussão sobre a desmaterialização e a pós-produção desencadeadas pelo mundo digital.

Como leitor da informação imaterial da internet, ele inicia uma reflexão crítico-poética sobre a criação do si, especificamente em relação à situação da liberdade programada da vida dos algoritmos numéricos. Para Goldsmith, o sujeito contemporâneo é apenas uma combinação infinita de plágios e citações derivadas do contexto imaterial.

Um livro criado em forma de resma na qual aparecem citações e reflexões teóricas que permeiam as noções de origem, originalidade e cópia. 500 folhas compostas por fragmentos-textos que reúnem textos, pensamentos, aforismos e versos livres. A criação artística e literária de Kenneth Goldsmith subverte a experiência das práticas artísticas ao ultrapassar o limiar da colagem e citação.

Kenneth Goldsmith apresenta como fulcro de seu trabalho a árdua tarefa de emancipação do autor em meio ao jogo programático da internet. Dada a complexidade da relação entre o indivíduo e os dispositivos digitais, se anuncia uma nova forma de heroísmo do artista no interior de uma sociedade tecnológica. Um herói que tem de se orientar diante de um imenso acúmulo de produção de conhecimento e mercadorias.

Eu não creio que haja um “eu” estável e essencial

Repita comigo: eu sou um pirata

Se nós devêssemos pedir permissão, nos não existiríamos

O natural é uma construção artificial

A subjetividade está morta

A originalidade é a palavra mais perigosa do léxico publicitário,

disse Rosser Reeves

O poeta contemporâneo é alguém que não escreve poemas

O jogo do ator é o jogo de plagiar

A morte do autor. Finalmente morto pela internet

Em direção a uma literatura sem autor
Para a poesia, não há vida fora da academia
A nova oposição é a capitulação radical
Não o objeto, mas a obra
O mundo da arte é dividido entre o mercado e a academia
Uma terceira possibilidade:
Tornar-se sua própria instituição auto-inventada.
A liberdade reside nas margens
Nós começamos a nos interessar pelas práticas
que existem nas margens da cultura,
Lá onde há pouca luz
Aqueles que se desdobram na liberdade não controlada
Daquilo que tem o direito de chegar na sombra,
Onde poucas pessoas se dão ao trabalho de olhar
Sim, podemos ser copiados, mas não podemos ser imitados
(GOLDSMITH, 2013, S/N)

A grande circulação de informações e citações do mundo digital relança a pergunta acerca das possibilidades críticas da criação e da autoria na ação artística. Além disso, enseja as reflexões sobre o *dentro* e o *fora*, ou seja, sobre o espaço do imaginário e a criação do si. As questões sobre a subjetivação ou des-subjetivação do autor se ampliam porque apresentam os desafios que combinam o espírito, a experiência estética e a tecnologia. O *ethos filosófico* do artista se concatena com as questões sobre a desapareição e morte do autor, revisitadas por Goldsmith pela retomada das discussões de Stéphane Mallarmé, Walter Benjamin, Michel Foucault e Roland Barthes.

Eu não penso que há um Eu estável ou essencial. Eu sou um amálgama de muitas coisas: os livros que eu li, os filmes que eu vi, as transmissões de televisão que eu assisti e que olhei, as conversações que tive, as canções que cantei, os amores que amei. De fato, eu sou uma criação de muitas pessoas e de muitas ideias que eu tive a impressão de ter possuído mas muito pouco de pensamentos e ideias originais; pensar que qualquer uma dessas coisas fosse original seria cegamente egoísta. Às vezes, eu creio ter uma ideia ou um sentimento original e depois, às duas da manhã enquanto eu assisto um velho filme da televisão que eu não via depois de anos, o protagonista debita alguma coisa que eu pensara ter inventado. Em outras palavras, eu tomei essas palavras (que evidentemente, não eram verdadeiramente, “as palavras”) eu as interiorizei e as fiz minhas. Isso me acontece todo o tempo. (GOLDSMITH, 2013, S/N)

As performances de Kenneth Goldsmith dão continuidade aos questionamentos do herói moderno. A experiência de si é retomada em meio às investigações sobre a criação, a liberdade e a independência do artista em meio à codificação eletrônica dos avatares das redes sociais. A pergunta que se coloca é: como os canais de produção de conhecimento e de informação estão formando criticamente as consciências na contemporaneidade?



Figura 1- Kenneth Goldsmith, *Printing Out The Internet*, LABOR, Cidade do México

Kenneth Goldsmith é um dândi contemporâneo que deambula pelo espaço virtual questionando a função desestabilizadora dos modelos e das semelhanças. Para Goldsmith, assim como para Barbey d’Aurevilly, a imitação não é uma semelhança. Ambos sugerem a presença do gênio no leitor. A apropriação jamais deve ser confundida com a imitação.

A insurgência deste dândi contemporâneo começa pela repetição, alterando as práticas da reinvenção criativa de si. Goldsmith potencializa a experiência de *mise en abyme* na era do hipertexto. No entanto, as mesmas questões da reinvenção de si continuam presentes na reflexão crítica. A morte do autor e o desligamento de sua origem se alinham a outras formas subversivas e a novos jogos de significações, estimuladas pelas imagens da internet.

A escritura corpórea adentra uma nova dimensão, não somente espiritual, mas igualmente imaterial. As técnicas de si constituem-se como parte de uma estratégia de resistência em meios aos excessos de exposição da ofuscante claridade das telas. A experiência do Dandismo de Kenneth Goldsmith não é da ordem do ocaso do pôr-do-sol e da noite na qual reinavam os vagalumes. Sua aparição e sua performance abordam a potência da sobrevivência em meio às luzes. Trata-se, portanto, de um gesto mímico do herói que enfrenta a morte; o momento do fulgor da relação do ser e do vestir, isto é, o jogo com o sonho, o discursivo e a escritura ausente.

Desaparição & Invisibilidade

Sabe-se que um dos maiores desafios da linguagem poética é tornar visível os corpos imateriais e ausentes. Este movimento é semelhante àquele que se impõe à aurora anunciando a visibilidade das coisas e a gravidade dos corpos. O movimento entre a luz e a escuridão é da ordem do fascínio. Estas considerações se aproximam de algumas divagações literárias apresentadas por S. Mallarmé em *Crise du Vers* (1942). Em seus fragmentos, ele anuncia uma fissura pela qual perdemos o direito de enunciar a palavra poética. Mas que ressurge, talvez, pela elocução da prosa enunciando uma quarta pessoa do singular. Mallarmé nos diz que o trabalho mais puro cede o espaço do poeta para as palavras. Ele dá vazão ao movimento das palavras. Um texto que se anuncia de maneira autônoma e sem a intervenção do autor.

O movimento para Mallarmé se associa à relação com o tempo. A desapareição do autor é a condição essencial para a aparição do movimento no sentido da duração e presença do sentidos imaginados. A desapareição do autor não se apresenta apenas como um desafio para a

arte moderna, ela se coloca como um acontecimento que provoca um fascínio maior para o processo de criação artística. Aquele que faz falar a desapareição estaria, em princípio, ausente. Nesse caso, falaríamos, aqui, não somente da desapareição.

É importante que percebamos os níveis de ausência diferenciados que poderiam enunciar instâncias diferenciadas de registros que ora se ocultam, se escondem, se ausentam ou se desmaterializam. Caberia pensar como as linguagens, sejam elas plásticas ou literárias, lidam com esse movimento de desintegração. Movimento que ora se dirige ao criador, ora a obra. É importante que salientemos o movimento como um processo essencial para desapareição do autor e para a ordem que se estabelece entre as vozes do autor e da obra para dar visibilidade aos elementos mais imateriais do trabalho.

Para Kenneth Goldsmith, os algoritmos são os mais novos responsáveis por desmaterializar a autoria. A estatística é o novo movimento das palavras. Os códigos alfanuméricos são indissociáveis da escritura e esse é o meio pelo qual a internet solidificou sua presença sobre a literatura. As conexões são a alquimia das palavras e a intertextualidade dos versos seria responsável por desmaterializar a materialidade das palavras. Ao citar Mallarmé, diz: “não é em absoluto com ideias, que se faz versos, é com palavras”. As palavras plagiadas referem-se ao gesto do vazio, pois o futuro da escritura é não escrever. O futuro da escritura seria indicar porque a entidade humana estaria fadada a eterna condição do leitor-criador. Nesse sentido, a eternidade da tarefa se dá pela possibilidade de encontrar na palavra lida um teor material, visível e significativo.

Ora, Goldsmith aponta para uma questão há tempos apresentada pela teoria de arte. Lembremos que para o Primeiro Romantismo Alemão, em particular pelas teorias de F. Schlegel e Novalis, o trabalho do leitor evidenciaria o incacabamento das obras de arte. A leitura conduz à

reformulação perpétua da obra produzindo a construção de seu devir permanente - algo que foi sugerido pelos românticos alemães como: *ir além da obra*.

A escritura contemporânea é uma prática que se situa em algum lugar entre a construção de um *ready-made à la Duchamp* e um *download* de um MP3 (...) Nós pirateamos, analisamos, copiamos, colamos, transferimos, partilhamos e viralizamos. Ler é a última coisa que nós fazemos com a linguagem (GOLDSMITH, 2013, S/N).

Assim, podemos inferir que o movimento das palavras sugerido por Mallarmé e interpretado por Goldsmith está intimamente relacionado com o movimento de reflexividade das obras. A subversão do plágio proposta por Kenneth Goldsmith nos leva a pensar em uma outra dinâmica temporal: ela está intimamente ligada às cisões, aos cortes e às fraturas que desencadeiam os ressurgimentos. São as imagens da *sobrevida* instauradas na arte pela leitura. Sendo as mesmas, as principais responsáveis pela criação das correspondências entre o passado e o presente.

Cânone, Autoria e Morte

A tessitura do texto ou da obra de arte, precisamente, não está na sua origem. Para Roland Barthes, em *Rumor da Língua* (1968), o ser total de uma obra de revela em seu destino. O leitor é responsável pelo movimento de devir do texto. A morte do autor figura-se como um novo cânone na contemporaneidade. Conferindo uma certa reserva e distância entre as diferenças conceituais e reflexivas de Mallarmé e Barthes, há um ponto comum entre ambos que nos chama atenção.

O leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. É por isso que é irrisório ouvir condenar a nova escrita em nome de um humanismo que se faz hipocritamente passar por campeão dos direitos do leitor. O leitor, a crítica clássica

nunca dele se ocupou; para ela, não há na literatura qualquer outro homem para além daquele que escreve. Começamos hoje a deixar de nos iludir com essa espécie de antifrases pelas quais a boa sociedade recrimina soberbamente em favor daquilo que precisamente põe de parte, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que, para devolver à escrita o seu dever, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES, 1968, p. 70)

Para Mallarmé, a desapareição do poeta doa um novo sentido ao texto. A ausência da autor nos doa um novo olhar, chegando até mesmo a modificar a nossa percepção. Isso se deve ao fato de que o texto coloca em contato o espírito perceptivo com o aspecto incorpóreo, ou seja, com aquele que desapareceu. Esse movimento revela, na verdade, uma estranha dialética. A desapareição seria, portanto, a condição para a aparição de uma essência incorpórea. Assim, o fascínio provocado pela ausência é responsável pela produção de sentido da linguagem. A ausência do autor nos faz experimentar um movimento próprio do espírito: a criação.

Roland Barthes encontra a voz verdadeira do texto na sua leitura, no momento que se pode “trazer à luz” um texto tecido pelo duplo sentido das palavras e pela qual a compreensão se dirige ao infinito. Além da própria surdez das palavras, um texto é feito de múltiplas escritas, nos diz Barthes. O nascimento do leitor coincide com a morte do autor.

“A morte do autor” de Barthes revelou que a paternidade de um livro é uma invenção capitalista. Isso não matou a paternidade do autor, mas simplesmente mostrou a qual ponto era um conceito vazio. Nossa consciência está saturada pelas fontes de textos de redes sociais. Por causa de Barthes, estamos treinados para ler sem nos demorarmos sobre a interrogação do autor. Durante esse tempo, as novas tecnologias que seguem a lógica capitalista continuam a provar o absurdo da tradição pós-moderna (GOLDSMITH, 2013, S/N).

Retomo as palavras de Mallarmé e Barthes para pensar a complexidade da transversalidade do trabalho de Goldsmith, pois o seu discurso desafia gêneros e cânones para colocar em primeiro plano a fascinação da desapareição do autor.

Vimos que, para a literatura, o leitor é responsável por fundar as analogias ou correspondências na linguagem. Mas como podemos pensar a dinâmica da desapareição do corpo do artista? Em particular, abrindo para uma questão um tanto quanto oblíqua como, por exemplo, a performance de Kenneth Goldsmith que duplica o processo no qual o corpo sólido em pura presença desaparece para que um jogo imaginativo possa se iniciar.

A performance e a instalação proposta por Kenneth Goldsmith fala, de maneira acertada, da qualidade do efeito de uma imensa acumulação de informações que transformam a experiência da criação em uma prática enviesada da produção de saberes. Do ponto de vista de Antonio Bento (2014), a “produção de informação”, nas sociedades modernas, é regulada por uma espécie de princípio malthusiano, segundo qual o “lixo científico” cresce mais rapidamente do que os meios tecnológicos disponíveis para reciclá-los de modo eficaz. Sob esta perspectiva, a morte do autor, da autoria e a desapareição do autor, revelam-se não apenas como fenômeno, mas sim, como um sintoma da era da informação.



Figura 2- Kenneth Goldsmith, *Printing Out The Internet*, LABOR, Cidade do México

Na medida em que o corpo do performer e a narrativa do autor se desmaterializam, se corporificam os excessos de frases, palavras, citações e comentários. Um corpo se desfaz para ceder espaço ao movimento das palavras impressas em toneladas de informações digitais. Se, anteriormente, a desmaterialização dos corpos exercia um culto pelas palavras do poema, em nossa contemporaneidade um novo êxtase se exerce sob os olhos do observador – como observa Kenneth Goldsmith.

De maneira acertada, o artista aborda o culto de uma linguagem que emerge pela adoração da máquina. A racionalidade do algoritmo nos insere numa ética da exposição, na qual somos imersos numa intermitência de privação e presença. O acontecimento perceptivo atmosférico da aura é substituído por um tipo de oportunismo brutal que se verifica pela morte da escritura. Nesse nível, o plágio, a cópia e a reprodução tornam-se os motores dessa nova experiência de barbárie. Um novo tipo de barbárie que se apresenta como um mero instrumento para tratamento do texto. A subversão do plágio é a morte do autor finalmente assassinado pela internet.

Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-Produção. Como a Arte Reprograma o Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Volume IV. Paris: Gallimard, 1994.

GOLDSMITH, Kenneth. *Théorie*. Paris: Jean Boîte, s/data e sem numeração das páginas.

GRADIM, Anabela. *A Construção da Ciência: Da Lógica da Investigação à Medição do Impacto*. Lisboa: Labcom, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vaga-Lumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MALLARMÉ, Stéphane. *Divagations*. Paris: Fasquelle Éditeurs, 1942.

QUILICI, Cassiano Sydow. *O Ator-Performer e as Poéticas da Transformação de Si*. São Paulo Anna Blume, 2015.

Referências Iconográficas:

Figuras 1- Kenneth Goldsmith, *Printing Out The Internet*, LABOR, Cidade do México

In: **GOLDSMITH**, Kenneth. *Théorie*. Paris: Jean Boîte, s/data e sem numeração das páginas.

Figura 2- Kenneth Goldsmith, *Printing Out The Internet*, LABOR, Cidade do México

In: **GOLDSMITH**, Kenneth. *Théorie*. Paris: Jean Boîte, s/data e sem numeração das páginas.

Autora: Angélica Oliveira Adverse é doutora e mestre em Artes Visuais pela EBA/UFMG, Especialista em Filosofia pela FAFICH/UFMG. É artista, designer, professora-pesquisadora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Em seu trabalho de pesquisa observa as relações entre a arte e o design a partir de questões da estética e da filosofia da arte.